

**O ESTUDO DA HISTÓRIA E A DESMISTIFICAÇÃO DO RACISMO NOS
LIVROS DIDÁTICOS:
representações do Indígena e do Afro-brasileiro**

**THE STUDY OF HISTORY AND THE DEMYSTIFICATION OF RACISM IN
TEXTBOOKS:
representations of Indigenous and Afro-brazilian**

Maria Eunice Freitas Marim¹
Júlia Beatriz Gonçalvez
Paula Soares Pinto
Lucas César Miguel da Silva
João Vitor Tavares Arco Verde

INTRODUÇÃO

O ensino de História é fundamental para que os estudantes compreendam o passado, valorizem seus antepassados e entendam os processos que formaram a sociedade atual. Além disso, contribui para a construção das identidades e para o reconhecimento das raízes culturais individuais e coletivas. Entretanto, os livros didáticos brasileiros muitas vezes apresentam visões limitadas sobre indígenas e afro-brasileiros, reforçando estereótipos e legitimando uma narrativa eurocêntrica. Isso resulta na exclusão das raízes negras e nativas e na reprodução do racismo nas estruturas educacionais. Este trabalho busca analisar como essas representações aparecem nos materiais didáticos, discutir o papel das imagens na manutenção de preconceitos e refletir sobre as consequências da ausência ou distorção das histórias indígena e afro-brasileira na formação das identidades estudantis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Hobsbawm (2004), "Os homens e mulheres precisam de uma identidade histórica, tanto coletiva como individual. Precisam de um passado, tanto quanto de um presente e de um futuro." Portanto, o livro didático é um dos principais mediadores entre o conhecimento histórico e os estudantes, pois contribui na formação da memória coletiva e da identidade cultural. No entanto, conforme destaca Munanga (2005), a invisibilidade ou a representação estereotipada do negro e do indígena nesses materiais reforça uma identidade nacional construída sob bases eurocêntricas, desvalorizando a diversidade

¹mariaeunicemarim51@gmail.com ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

cultural brasileira. Essa exclusão simbólica contribui para a manutenção do racismo estrutural, que, segundo Schwarcz (1993), não se limita a atitudes individuais, mas permeia as instituições sociais, entre elas a escola. O racismo estrutural pode ser compreendido como um conjunto de práticas, normas e representações historicamente construídas que naturalizam desigualdades raciais e as reproduzem de forma contínua no tecido social. Como destacado pela historiadora brasileira Schwarcz (1993, p. 287), "O Brasil do século XX herdou, portanto, um racismo de feição 'científica', que se embrenhou por todos os interstícios da vida social." Dessa forma, a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa evidencia a necessidade de desconstruir as representações eurocêntricas e racistas presentes nos materiais didáticos. Valorizar as histórias e culturas afro-brasileira e indígena é essencial não apenas para combater o preconceito, mas também para promover a formação de identidades plurais e críticas dentro do espaço escolar.

METODOLOGIA

A ideia do tema "O Estudo da História e a Desmitificação do Racismo nos Livros Didáticos: representações do indígena e do afro-brasileiro" surgiu da necessidade que a equipe observou em mudar o cenário atual dos livros didáticos presentes nas escolas, que ainda contribuem de maneira negativa para o imaginário popular sobre indígenas e afro-brasileiros. A expectativa em relação ao projeto é provocar uma mudança de percepção sobre o racismo estrutural no âmbito da educação, principalmente, nas representações em livros didáticos, podendo-se estender para filmes, literatura, jogos e outras produções a serem utilizadas pelo docente no ensino. Dessa forma, esse novo olhar pode ajudar pessoas pertencentes a essas etnias a se sentirem pertencentes, incluídas no processo educativo. Para isso, a equipe analisou livros didáticos do 7º ano, que serão utilizados atualmente em escolas públicas, nas classes da educação básica durante os anos de 2024 até 2027. Com o objetivo de identificar imagens e textos que reforçam visões estereotipadas e racistas. Os temas analisados foram "A conquista da América", "A colonização da América Espanhola", "América Portuguesa: chegada dos europeus e início da colonização" e "A sociedade do açúcar e a expansão da América Portuguesa". O grupo buscou responder a 3 questões durante a pesquisa aos livros didáticos: I – De que forma as imagens presentes nesses livros contribuem para a manutenção de

preconceitos? II – Por que é importante questionar a “neutralidade” dos materiais didáticos de História? III – Quais são as consequências da ausência ou da representação distorcida de indígenas e afro-brasileiros para a identidade dos alunos?

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

As imagens reforçam uma visão eurocêntrica da História. Pinturas como A primeira missa no Brasil (Victor Meirelles, 1860) e Desembarque de Pedro Álvares Cabral (Oscar Pereira da Silva, 1922) representam os indígenas em posição de passividade, como meros espectadores do protagonismo europeu. Já nas representações sobre o escambo e a escravidão africana, os sujeitos aparecem reduzidos a papéis secundários, quase sempre subordinados. Isso contribui para a manutenção de estereótipos que associam o indígena e o negro à inferioridade, à ausência de agência histórica e à dependência dos colonizadores. A ideia de neutralidade nos livros didáticos é ilusória. Toda seleção de imagens e narrativas reflete escolhas políticas, culturais e ideológicas. Quando um livro escolhe mostrar a “chegada civilizatória” dos portugueses ou espanhóis sem dar destaque às violências, às resistências indígenas e à brutalidade da escravidão, ele produz uma memória seletiva que beneficia a visão do colonizador. Questionar essa neutralidade é fundamental para revelar as ausências e problematizar como a História ensinada ainda reproduz preconceitos raciais e desigualdades estruturais. A ausência ou a representação estereotipada gera um impacto direto na construção da identidade dos alunos. É necessário compreender que essas ausências e representações retorcidas não são fruto de uma neutralidade histórica e sim de um longo processo de domínio sociocultural, a priori da Europa e *a posteriori* dos Estados Unidos na historiografia brasileira e nos espaços escolares do país. "A ciência, longe de ser um discurso abstrato e neutro, participaativamente da construção de uma certa realidade social. No caso brasileiro, ela foi chamada a intervir de forma direta, fornecendo argumentos 'científicos' que legitimavam a manutenção de uma ordem social hierarquizada." Schwarcz (1993, p. 15) Dentre as diversas consequências dessa eurocentricidade dos estudos nacionais, destaca-se a realidade dos estudantes indígenas e negros, que ao não se reconhecerem de forma positiva nos livros, podem internalizar sentimentos de inferioridade e desvalorização cultural. Já os demais alunos, ao verem sempre o europeu como protagonista, naturalizam a ideia de superioridade branca. Como

resultado, perpetua-se o racismo estrutural, uma vez que a escola, em vez de questionar preconceitos históricos, reforça desigualdades simbólicas que se refletem no presente. Ainda que essas representações permaneçam, também é possível observar a inclusão de páginas, em alguns dos livros, que buscam melhorar essa abordagem, trazendo noções importantes, como a de que a chegada dos portugueses ao Brasil não foi uma “conquista”, e sim uma invasão. É um princípio de um longo trabalho a ser feito nos livros didáticos brasileiros quando se trata de educação indígena e afrobrasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros didáticos de História não são neutros: ao adotar narrativas eurocêntricas e racistas, desvalorizam indígenas e afro-brasileiros, reforçam hierarquias sociais e ocultam suas resistências. Isso confirma a tese de Schwarcz (1993) sobre o racismo estrutural na educação. Assim, torna-se urgente a crítica e desconstrução desses materiais, pois influenciam diretamente a identidade e a formação dos estudantes.

Palavras-chave: Eurocentrismo; Identidades; Educação.

REFERÊNCIAS

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 12.

KARNAL, Leandro *et al.* **Viver História com Leandro Karnal**: 7º ano. São Paulo: Moderna, 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Redisputando a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.